QUINTA-FEIRA
Lisboa--7 de Abril -1927

5 TOSTÕES

sempre fixe

46

semanario humoristico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇAO E OFICINAS
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

"MISS„

Uma beldade que podia muito bem ir á America...

Os ditos da semana

Lisboa bebe muito café. Café amargo que ajuda á málingua, derretendo as inteligencias mais conspicuas das rodas literarias, que por ai vicejam, pelintrando talento. O café — é a redenção. O *chic*. O *chá* das cinco horas. A terapeutica dos nervos derreados. O café leva-nos a toda a parte. A' porta da livraria. A' secretaria dos ministerios. Ao convento de Jesus, onde dorme a Academia de Lisboa, emplumada pelos rasgos conceptivos do sr. Cabreira.

Abriu agora, no Chiado, uma casa de café, de que são proprietarios alguns literatos de polpa e chelpa. São eles o dr. Julio Dantas, que derreteu tanto assucar ao *Ouvido de Madame X*; o sr. Samuel Maia, que comprometeu o *Sexo Forte*, num vasto e profundo romance; o sr. dr. Sousa Costa, autor do *Amor Primeiro, o cruel*, — bem cruel de ler; Malhôa, pintor dos *Borrachos*, e outros, cujos nomes se dizem á boca calada sem verdade confirmada. O novo café — tem uma primorosa decoração de cervejaria berlinense. A antiga livraria desapareceu por completo. Os nossos escritores, não podendo vender as suas obras, pouco solidas, decidiram-se pelo liquido. Deram uma prova de utilitarismo, que envergonharia Catão e todos os romanticos, que morriam de fome, sacrificando-se pelas letras.

Coisas que passaram á historia. Negocio é negocio. Como o livro não deu, impinge-se ao freguês bebida apetitosa e, singularmente alviçareira, na maledicencia. Quere isto dizer que a intoxicação continua. Dantes era o livro; agora o café. Não sabemos se é tambem proprietario do novo estabelecimento o sr. Afonso Lopes Vieira. Se é, como se diz, o seu lugar, pela delicadeza da forma literaria e dos amavios do *Amadis*, está bem na caixa registadora, como qualquer empregada, resignada e serafica.

Quem nos diria que os escritores portugueses ainda vinham a ter licença de porta aberta...

Hoje a minha criada veiu da Praça da Figueira tão desiludida como um perú, em vesperas de Natal. Ao fundo da escada ouvi-a discutir com o guarda-portão. Confesso que não posso aqui reproduzir o dialogo. Faltam-me palavras, côr local, expressão bocageana. Temi pelo almoço. O que iria comer, santo Deus, com a serviçal naquele estado! Os meus receios não me enganavam. Mastiguei uns ovos dolorosos; um bife de caoutchouc, e um café tão negro como a alma dum merceeiro, que promove doze penhoras por semana.

— O patrão quere saber?

Encolhi-me numa defensiva. Iria apresentar-me o seu pedido de demissão? Pedir a minha mão? Um seguro de vida? Um vestido? Dois bailes por semana e uma vitrola alemã?

— O quê, Ana?! Sucedeu-lhe alguma desgraça?

— A maior de todas!

— O 33 da 4.ª está doente?

— Peor do que isso: enganou-me.

Respirei fundo. Estava salvo. Ameno, com um sorriso de patrão generoso, que não abusa dos direitos reservados do pessoal menor, incitei-a á confissão:

— Diga lá, Ana!

— Saiba o patrão, que o meu José faltou-me ha quinze dias... Desconfiei e fui a uma mulher de virtude, que mora na travessa dos Alamos. Ela deitou as cartas: abriu os olhos e, sem tir'te nem guar'te, afiançou-me que o José me enganava.

— Oh!

— Imagine como fiquei! Mas lá estava a dama de ouros ao lado do rei de paus...

— De paus? Mas vocês ainda não se casaram.

— E' como se o fôssemos...

— Sem os inconvenientes...

— Lá isso não sei. Paguei dez mil réis á mulher da virtude, uma louraça que já teve um lugar de hortaliça, em Almirante Reis, e desandei para a praça vendo tudo negro como o carvão. Ha noite o José falou pelo telefone...

— Quando foi...

— No dia em que o patrão quiz falar para cá e estava o telefone interrompido.

— Repreendi o José. Disse-lhe que não era bonito o seu procedimento. Que eu já podia ser patròa, se não fôsse ele. Que lhe sacrificara o meu futuro, as minhas soldadas, o primo que tenho na terra. O José fez tudo para me convencer. E conseguiu. Chorei, mas fiquei crente. Ora hoje, quando fui á Praça da Figueira, quem havia de ver? Calcule lá!

— Algum aeroplano...

— Qual historia! O José, o meu José a derriçar com a mulher da virtude, no largo de S. Domingos!

— Que grande traição!

— Que grande patifaria. Aquela desavergonhada papou-me os dez mil réis e o namoro. Enganou-me com as cartas, quando já estava farta de me enganar! Assim tambem eu deitava cartas! Olha a grande virtude! Pasmei da pouca vergonha! Ia-se por agua abaixo a melhor carta do baralho de namoros que tenho tido, sem marosca no jogo. Fui-me a ela. Puz tudo em pratos limpos. Arrepelei-lhe os cabelos, até ficar com eles á *garçonne*. Depois dei-lhe um tal sòco na dentadura que lhe extrai duas raizes e dois dentes postiços. Não contente com isto, esfolei-a na cara, com todas as unhas que tinha.

— Pobre mulher...

— Não tenha medo dela, patrão. Contei-lhas bem.

— E o José...

— Quebramos para sempre. Cortei com ele. Disse-me que vai para a provincia curtir saudades e livrar-se do escandalo que lhe fiz.

— E você o que faz?

Nesta altura já a Ana chorava como um borreguinho desmamado.

— Eu, patrão, ainda gosto dele. Foi o unico homem que me convenceu. Criada com esta dôr já não posso. Sinto que não seria a mesma. Resigno-me. Abandono o meu lugar para sempre. Só tenho um remedio, para aliviar este mal do peito...

— Qual?

— Ser patròa para o resto da vida!

— Mas isso é quebranto, Ana!

— Que quere o patrão?! E' a unica maneira de me esquecer do ingrato... e ter automovel, para ir á praça...

— Da Figueira?

— Não, dos touros...

Cupido-Hégo ou o amor "das proximas"

Engenheiro A. R.

O franco-atiradiço no seu posto de conquista. Entre mil mulheres «son coeur ne balance pas». Chega para todas!

HUMORISMO NO ESTRANGEIRO

—Mas então a tua nova criada não tira o chapéu?

—Não decidiu ainda se lhe convém ou não cá ficar.

1926—Imposto sobre os celibatarios! Caso-me!

1942—Meu Deus! Porque não quiz ou pagar o imposto?!

Na aula:

—O que representa a formula A. S. 203?

—Tenho-a na ponta da lingua...

—Pois então vomite-a já, que é arsenico...

—A minha filha perdeu um gramofone. Quero anunciar que darei cem francos...

—A quem o restitua?

—Não; a quem fique com ele.

—Lamento bastante só ter a minha inteligencia para te oferecer.

—Não te preocupes, queridinho! A pobreza não é um vicio.

A NOVELA DO "FIXE"

A ESTREIA
de um «espada»

(a mi amigo y confrade «El Terrible Perez», pa que lo sepa . . .)

Com a devida vénia, vou tratar, em forma de novela, de mais um caso veridico, que é o da estreia de um espada, da sua cuadrilla e de uma praça de toiros...

Ha de haver os seus trinta anos e pico, um grupo de rapazes, todos do Real Club Velocipedista de Portugal, desinquietados por um seu consocio a quem pulava nas veias o sangue do toureiro, sangue que adquiriu pela aproximação visual quando menino, numas lezirias alemtejanas, resolveram formar uma *cuadrilla* com picadores, moços de forcado, campinos, etc., etc., e, uma bela manhã, lá partiu, estrada fóra, esse valente grupo, montando bicicletas, a inaugurar a Praça de Meleças...

O gado foi metido na praça capitaneado por Alvaro Gaia, o saudoso *sportman* que ha pouco tempo deixou vago um dos primeiros lugares da Contabilidade Publica.

Os improvisados artistas, que percebiam tanto de touros como de lagar de azeite, em vez de coadjuvarem a entrada do gado, ainda a embaraçavam mais, porque alguns dos mais atrevidos se davam ao trabalho de vêr o *gado*, tarefa bastante dificil, visto que os *toiros* eram de tal tamanho que passavam com facilidade por debaixo da barriga das *chocas*.

Os carpinteiros, atarefados, estavam, á ultima hora, a acabar a praça e tratavam de pôr as portas no curro e na entrada para o dito, de fórma que três vezes se meteu o gado na praça e três vezes ele fugiu...

Quando se conseguiu começar a corrida, viam-se nas bancadas uns poucos de saloios de Meleças, porque não se fez publicidade no sitio, anunciando que a *corrida de inauguração* era de borla...

O *espada* dava ordens que todos respeitavam.

O primeiro par á gaiola foi disputado por muitos e foi colocado, sem que ainda hoje se soubesse quem foi, nos cordeis que atavam a embolação. Alguns ferros mais foram colocados *en su sitio*, visto que, com o entusiasmo, os *capinhas* confundiam o posterior do animal com a cabeça, quando ele ia fugindo á *orde* de selvagens que o espicaçavam.

Nisto saltou á arena o *espada* iniciador da festa. O *cão Ulm* com cornos avançou para ele.

Desenhou-se, recortou-se, fez relativamente belos passes que entusiasmaram a diminuta mas selecta assistencia. Pegou nas bandarilhas e preparou um *cambio* que ficou *en su sitio*.

A' unha!—gritaram todos.

E os destemidos moços de forcado, ajudados por toda a *cuadrilla*, atiraram-se para cima do animal, por sinal, como disse, do tamanho de uma vitela das mais pequenas

A furia foi de tal ordem que nos pegámos uns com os outros, *digo* pegámo-nos uns aos outros, porque eu tambem estava e fiquei ao rabo.

—Aperta e torce—disseram-me uns.

E eu torci, apertei e apertei com toda a força...

Nisto, todo aquele enxame largou a vitelinha e eu, sempre de unhas e dentes agarrado ao rabo, senti um enorme estição. A vaca partiu e eu... fiquei com o rabo na mão!...

Entre risadas, o pobre animal recolheu ao touril sem rabo, cujas raizes eram tão fortes como um botão de casaco cosido por mão de homem!

... ...

Mais tarde, toda esta *cuadrilla* e o *espada* foi ao Coliseu de Lisboa, á rua da Palma, assistir a uma pantomima intitulada *A Feira de Sevilha*, para vêr a *vaca* sem rabo, que o *ganadero* alugou e para a qual arranjou um outro rabo postiço, feito de corda e com um pedaço de estôpa na ponta!...

... ...

Que belos tempos!...

A *cuadrilla*, entre muitos, era composta dos seguintes rapazes, os quais uns já morreram e outros, felizmente, ainda vivem: Emilio Segurado, Alvaro Gaia, Barcharil, João Veiga, João Anjos, Salomão Cardoso e eu, o rabejador, José Barbosa.

O *espada* estreante que eu citei, era nem mais nem menos do que o grande e letrado toureiro Simão Veiga, apreciado artista pintor que tem vencido em varios *Salons*, assim como venceu na arte de tourear, dando-nos, pelo menos, na pessoa de seu filho Simão da Veiga Junior, uma prova de transmissão do seu enorme talento e golpe de vista, consequente de uma excepcional cultura, cultura que nenhum cavaleiro artista tauromaquico teve até aos nossos dias, como tem o *espada* de Meleças que eu citei, o meu querido e velho amigo Simão.

Pela recordação,

José Barbosa.

!! Não queira ficar assim !!

USE A **VITELINA-VITERI**

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 8$00

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.ª

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, D. - LISBOA

HUMORISMO NO ESTRANGEIRO

—Já acabou a parede?

—Já, mas tenho que a deitar abaixo. Parece-me que ficou lá dentro o servente...

—Cheiras a tabaco. Estiveste com alguma mulher?

—Julgo, caro colega, que podiamos fazer-lhe uma pequena operação.

—Uma grande operação é que deve ser! Ele é milionario...

—Mas eu não conheço a pessoa que o recomenda...

—Não faz mal... Eu apresento-lha.

O malabarista chinês.

O gordo — Vê lá como te portas. Olha que mando chamar o dr. Voronoff.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

QUEBRANTO foi um sucesso. Peça e representação.

Alguem que não acreditava no talento de Leopoldo Frois confirmou-o no final do segundo acto, dizendo:

—Agora, sim, vi o *Senhor que se segue.*

■ ■ ■

O POLITEAMA dá-n-os brevemente uma peça de Tito Martins: *Gente de teatro.*

Escusa de ser representada; basta ser vivida...

■ ■ ■

NO proximo mês—já estamos em Abril—Nascimento Fernandes entra no Politeama.

Que entre com o pé direito...

■ ■ ■

CONSTA que um conhecido empresario renunciará brevemente ás suas funções, fazendo depois uma larga viagem...

De circumnavegação?

■ ■ ■

JOAQUIM de Oliveira faz a sua festa com o *Pedro Caruzo* e uma homenagem a Ramada Curto.

E' caso para dizer que o simpatico autor é o *caso do dia*... pelo menos, na peça.

■ ■ ■

CLIMACO prepara uma representação religiosa. Nos cartazes avisa o publico e a imprensa do seu esforço. Como não temos dinamometro, não o podemos medir, embora estejamos dispostos a apreciá-lo.

ALMEIDA CRUZ
o tenor da Mouraria

Será mais um milagre de sucesso? A peça pode fazê-lo!

■ ■ ■

LOURDES não tem tido muitos devotos. Em compensação, a *Zilda* foi um sucesso. Prova-se ainda desta vez que um pecado é mais dificil de resgatar que uma virtude...

■ ■ ■

AMELIA Rey Colaço fez a *Sorridente.*

Será por não ter ido a *Lourdes?*

■ ■ ■

O HOMEM e o seus fantasmas reaparece daqui a algumas semanas.

Ainda bem! Vê-se que o Alves da Cunha não tem mêdo dêles...

■ ■ ■

QUANDO abre o *Maria Vitoria?*

Está ainda de esperanças. Daqui até lá pode ser que não seja preciso...

■ ■ ■

SENHOR Roubada...

Boa comedia! Magnifica! Uma das raras cujo titulo não corresponde ao original...

■ ■ ■

HA esperanças que a *Mouraria* acabe brevemente. Daqui a alguns meses...

Se soubessemos que o fado dava tanta *mascotte*, iamos para lá tambem, só para arreliar o Lino...

■ ■ ■

ENTAO o Armando de Vasconcelos vai pôr o *Bairro Alto?*

E' bom não se perder por lá...

O Homem das 5 horas

EFEITOS DO "CHARLESTON,,

Conheceram-se nesse dia — á noite, por sinal... — e a paixão brotou espontanea, viva e ardente, como a lava do Vesuvio, ao ritmo dum «charleston», dança moderna e mexida.

Vê-la, amá-la e casar-se foi obra dum segundo.

Na noite da grande boda, todas as danças deram lugar ao «charleston» furioso, delirante e retinto!

Mas, — oh ceus! — passados nove meses, surge um pimpolho, não com a esbelteza dum bailarino janota, mas com uma acentuada disposição para a coreografia «charlestonica». Era preto e tinha as pernas tortas!

CANÇÃO NACIONAL

Fado da Amadora

Mote

A AMADORA canta o fado
duma fórma original.
P'ra ser bem acompanhado
Tem a MISS PORTUGAL.

Glosas

Em tempos a PORCALHOTA,
quando não era AMADORA,
teve o COELHO á caçadora
como praxe assaz remota.
Dava-se á parelha ou sota
um pão em vinho ensopado.
Hoje tudo está mudado,
perdeu a fórma pinderica,
visto que em honra d'America
A AMADORA canta o fado.

Teve um dia a pretensão
de, segundo ahi se diz,
ser o eixo do país
ou capital da nação.
Já tem lá a aviação
e um moinho genial,
teve um quartel general,
tem da mina a agua gelada,
e assim ganha a nomeada
dum fórma original.

Transformou a PORCALHOTA,
que era um pedaço d'aldeia,
o nosso amigo Correia,
c'um Casino sem batota.
Fez-lhe um cinema janota
e chalets de belo agrado,
que tem p'r'ó Zé encalmado
da Venteira a *frescuidão.*
Tudo isto no verão
p'ra ser bem acompanhado.

Mas as galas d'espavento
na casaria pelintra
não são as brisas de Sintra
que as bafeja no momento.
E' do AMOR o ornamento
que milagre excepcional
a tornou terra ideal,
pois, da PATRIA PORTUGUESA,
por tesouro da BELESA,
tem a MISS PORTUGAL!

José Barbosa.

—Meu filho, quando fôres maior serás o retrato de teu pai...

—Isso, não. Prefiro não crescer...

BRISTOL CLUB DANCING
Jantar concerto das 19 ás 22 h.

O AZAR DUM CONSORTE

(Memorias de um noivo)

As memorias que transcrevo foram encontradas num envelope fechado, dentro dum livro intitulado «*O que um homem deve saber antes de casar*»:

«E' hoje o dia do meu casamento. Pela primeira vez na minha vida, levantei-me cedo, seis da manhã. Uma hora depois, chegou o barbeiro que, durante o tempo que me cortou o cabelo e fez a barba, teceu rasgados elogios ao casamento. Disse-me depois que era solteiro! Bebeu oito cálices do vinho do Porto. Os empregados da Pastelaria Ferrari chegaram ha pouco. Enquanto vão ornamentando a mesa, preguntam uns aos outros se a familia do noivo é de *qualidade* de dar boa gorgêta.

A criada foi abrir a porta a um amigo meu, que se comprometera na vespera a ajudar-me a vestir, que é como quem diz, a ajudar a calçar o *par de botas* que arranjei. Ouço o ruido dum beijo. A minha criada, pelo que noto, continua a ser muito gentil para com as visitas masculinas da casa!

Ele entrou e deu-me dois abraços, ao mesmo tempo que pedia um cálice de licôr. Dirigiu-se para a sala de jantar e, segundo me parece, *bisou*.

Não me sinto bem com o colarinho de gôma. Dou a impressão dum homem que tivesse engulido um garfo. Deixei cair desastradamente um frasco de perfume. Vidros partidos, segundo os supersticiosos, é indicio de azar. Dar-se-ha o caso que eu seja um consorte com pouca sorte?

Por causa dum botão das calças mal pregado, o meu pai tentou *pregar* uma bofetada na minha mãe, mas esta, pela primeira vez em vinte e oito anos de matrimonio, repontou de tal forma que ele, receoso, pediu muita desculpa. Tal atitude da minha mãe causou-me pasmo, mas o meu amigo disse-me que talvez ela já sentisse correr pelas veias o sangue de sogra. Chegaram os padrinhos e os meus convidados. Vamos para os trens. As janelas da rua estão repletas de curiosos e, junto da porta, uns trinta rapazes—quasi todos fasendo parte da *équipe* de *foot-ball* da area—gritam desalmadamente. Duas peixeiras que passam comentam obscenamente o casamento em geral e o meu em particular, e uma delas teve o arrojo de dizer que eu parecia um *gato-pingado!*

Chegámos a casa da noiva.

A minha futura sogra sorri mefistofélicamente. O meu futuro sogro diz-me ao ouvido:

«—Agora, meu filho, vais fazer uma pequena ideia do que eu sofri com a mãe de minha mulher, dentro em pouco tua sogra. Aquilo já vem de familia!»

Senti que os cabelos se me punham em pé.

Seguimos para a igreja. Após a cerimonia religiosa, veio uma chuva de abraços e felicitações. Os meus pais e os de minha esposa choravam dolorosamente. A minha sogra, que infelizmente já não é futura, deixou-me *passado* com um violento abraço. Ao mesmo tempo diz-me:

—«Como me sinto feliz por te ter por genro!»

Como não tive coragem para dizer o mesmo, sorri, sorri e quedei silencioso.

Estou comovido. Se por qualquer eventualidade me tivesse de divorciar, não casaria outra vez. Sigo no trem, acompanhado de minha esposa, para casa de meus pais. Principiou o *copo de agua*. Como nunca sentí queda para a dita, comecei por beber dois copos de vinho. A minha respeitabilissima sogra olha para mim repreensivelmente. Acaso já terá assumido, com gravidade, as suas funções de sogra?

Reparo que ao fundo da sala está uma interessante menina, decerto conhecimento de minha mulher. Está sorrindo para mim. Retribuo com enorme prazer. A minha cara-metade, que percebeu, belisca-me. Em resposta, piso-lhe um cálo que ela tem em grande estimação.

Convenci-me que muitos convidados não comiam ha três dias. Bebo novamente um copo de vinho. Novo olhar repreensivo de minha sogra. Jurei vingar-me: passei a beber licôr em copos de vinho. A mãe de minha mulher empalidece e, tentando evitar uma blasfemia, engasga-se. Dou uma gargalhada e minha esposa começa chorando, dizendo, em voz baixa, que eu insultara a mãe.

Reparo que um dos convidados, com a maior das sem-cerimonias, tira dos pratos alguns dôces, embrulhando-os em seguida num papel, decerto já preparado para tal operação. Começam os discursos. Elogios aos noivos e votos de muitas venturas. Palmas.

Estou intrigado com o desaparecimento dos meus amigos. O que demonio os interessará lá dentro para irem desaparecendo *á bicha?* Sai um, entra outro. Eureka! Descubro que as doçuras do *copo de agua* foram suplantadas pelas doçuras da minha criada!

Nêste momento, preferia estar no lugar dum deles.

Novo discurso, este com tendencias a durar algumas horas. O orador é gago. Elogio aos noivos e respectivos papás. Este imbecil havia de estar no meu lugar!!

O meu amigo C. F. C., que tem uma esposa muito ciumenta e a quem dissera ir ao funeral dum colega (que termo tão apropriado!) vai oferecendo versos ás meninas que o rodeiam. Como a sua musa, em geral, é sarcastica, desejo de todo o coração que os vapores alcoolicos o inspirem para uma poesia alusiva a este acto. Mas não! A bebedeira dá-lhe para dizer que se sentiria feliz se estivesse no meu lugar. Ainda estive para lhe preguntar em qual, se no de noivo ou de genro.

Depois de muitos dissabores, consigo sair com minha mulher. Vou para Sintra, como é vulgar entre noivos. Jantámos, voltando em seguida para Lisboa. Vamos ao teatro vêr a *Garçonne*.

Finda a representação, dirigimo-nos para casa de meus sogros, onde dormiremos nessa noite, porque a nossa habitação da rua de S. João dos Bemcasados ainda não está em condições. Os pais de minha mulher já ressonam de assobio.

Emfim, sós!!

... ...

No dia seguinte, ás três horas da madrugada, os meus sogros são acordados com os meus berros e com os gritinhos de minha mulher. Quando entraram no quarto, já eu estava vestido e pronto a sair. Exponho claramente a situação, que na realidade é algo escura. Está provado que sou um consorte com muito azar. O cofre onde estava o *dote* de minha mulher fôra desfalcado e, como sempre sucede, eu tinha sido o ultimo a saber. Minha sogra alega que a falta é de pequena importancia. Contestei. Ha a agravante do desfalque não ter sido confessado a tempo. A minha mulher desculpa-se com o facto do cofre não ser forte. Respondo que seria um homem fraco se continuasse vivendo com ela.

Ela chora. A mãe desmaia e o pai, para atenuar a dôr, vai á sala de jantar beber um copo de tinto.

Saio daquela maldita casa e vou para a de meus pais, mas em vez de me dirigir ao quarto que habitava quando solteiro, mandei chamar a minha criada...

Hoje mesmo requererei o divorcio contra aquela que me escolheu para cadeado dum cofre já aberto. Livra!!»

Pela copia,

Rosix.

Bom humor

Numa relojoaria:

—O senhor trouxe a pendula quando devia ter trazido o relogio.

—Mas o relogio regula bem. A pendula é que pára...

* * *

Numa *soirée* elegante:

O convidado:—Parece que já tive ocasião de o vêr...

O dono da casa:—E' provavel. Moro nesta casa...

* * *

O transeunte:—Seu filho atirou-me uma pedra.

—Alcançou-o?

—Felizmente, não.

—Então está enganado. Meu filho nunca erra o alvo...

* * *

Na rua:

Ela:—Que chuva, hein!

Ele:—Vem a proposito. Não tencionavas tomar banho quando chegasses a casa?

* * *

—O meu avô plantou estas arvores quando era criança...

—Não acredito...

—Porquê?

—Como é que uma criança pode plantar arvores tão grandes?

* * *

Na livraria editora:

—A minha obra tem sido procurada...

—Só nas estações ferroviarias. E' comprada pelos passageiros que vão no *sleeping*...

* * *

—Onde mora você, João?

—Não tenho casa...

—E tu, Antonio?

—Moro no mesmo sitio...

* * *

A patrôa:—Já esteve em casa do dr. Gonçalves... E' um homem muito amavel, pois não é?

A nova criada:—Não lhe posso dizer, minha senhora! Ele sahia quando eu entrava e chegava quando eu sahia...

* * *

Alice:—Joaquina, perdi a chave da secretária. Experimente se serve alguma das suas.

A governante:—Inutil, minha senhora. Nenhuma chave da casa abre esse movel...

* * *

No regresso da escola:

—Mamã, o que preferias tu: que eu ficasse debaixo do automovel ou que rasgasse as calças...

—Naturalmente, que não fosses atropelado.

—Ainda bem! Fica sabendo que acabo de romper as calças...

* * *

O empregado:—Queria um aumento, tanto mais que me casei ha pouco...

O patrão:—Impossivel! Nada tenho com os acidentes ocorridos fóra deste estabelecimento.

Notas de um deportado

da Ilha dos Galegos

A «Ilha dos Galegos» é um pedaço de territorio compreendido entre a Havaneza, a Mundial e a Garrett. Tem ao centro a estatua do poeta Chiado e, como farol, um posto ou marco da Vaccum. Um pouco ao norte, espreita-se o mar atravez a rua do Alecrim, e um pouco ao sudoeste pode-se tambem divisar raras especies de ligas, na passagem de algumas senhoras que sobem o carro para a Estrela.

E' nesta ilha o lugar do meu desterro.

* * *

A minha vida, nesta malfadada ilha, é uma exitencia monotona, aniquilante. Não poderiam escolher uma ilha mais horrivel para o meu triste deportamento.

Levanto-me tarde. Esta ilha faz-nos preguiçosos. Depois, vou tomar a um cacifo, chamado «A Brasileira», o meu café e entretenho cavaco com alguns reclusos até á hora do almoço. Como não temos livros nem outra especie de distracção, encontramo-nos neste terrivel exilio, fóra de todo o contacto com a vida, escolhemos um dos nossos companheiros ausentes de cativeiro e começamos inventando sôbre a sua vida as piores fantasias.

Não o fazemos por mal. E' uma necessidade da nossa reclusão. O alvejado faz o mesmo de nós e assim passamos o tempo.

* * *

Depois do almoço, tentamos dar um pequeno passeio. Só nos é permitido descer e subir uma pequena rua, do tamanho — que crueldade! — da rua Garrett e da rua do Carmo.

A isto estamos condenados. Como passeio ao mar, temos que nos contentar com uma pequena excursão que, por diminuta, fazemos muitas vezes e durante o dia. E' um passeio á volta do lago, no sitio a que aqui chamamos o Rossio.

Para lá do largo ha arvores e um lindo caminho que vai dar a um bosque de que nos contam maravilhas. Chama-se esse bosque o Campo Grande. Não podemos lá ir. O nosso exilio não o permite.

Tambem temos o mar a sorrir-nos, ao fundo da rua do Alecrim. Não podemos lá ir.

Ha existencia mais horrivel? Ha alguem no mundo que, por mais criminoso, seja condenado a viver fóra de tudo e em tão pequeno espaço?

A nossa existencia é tão cruel que aqui nos sentimos todos embrutecer. Ao crepusculo, cansados de estar todo o dia sentados sem fazer nada, depois de percorrer toda a area em que nos é permitido circular, ficamos como idiotas, de pé, encostados a uma parede, como se implorassemos a morte. Para dissimular a nossa melancolia, olhamos então para umas mulheres que passam e que vão para lugares ou paises de que nos habituámos a desconhecer a existencia.

Depois do anoitecer, a vida é para nós o mesmo das primeiras horas da nossas cavaquejras da manhã. Voltamos a sentar-nos, tomando café, e a conversar, fabricando fantasias sôbre a vida dos outros, ignorando o que vai pelo mundo e desconhecendo o que se passa a alguns quilometros da nossa ilha, a terrivel «ilha dos Galegos», o lugar maldito do nosso exilio.

E. F.

Verdades mais duras de roêr que um chavêlho

Vai a gente para a praça cheiinho de boa vontade e disposto a dizer bem do tudo, mas começa a Banda Funeral Artistica a moêr a retirada dos bons desejos para a Outra Banda, e zás! Adeus boa vontade, adeus desejos e adeus minhas encomendas e até as do Segurado!

Oh! filhos, olhem que aquilo é uma festa alegre, é ou deve ser.

E os programas das corridas. Vocês já viram maior ausencia de imaginação e pobresa de inventiva? Em se tratando de corridas de amadores, isso então é caso de dizer todos que entram e tudo que vai acontecer, mesmo antes de vêr o cartaz e a corrida.

A cavalo, é o D. Alexandre mais o D. João Macarenhas. Até aqui vai bem, porque o primeiro é um autentico cavaleiro e o segundo tem um cavalo autentico.

Onde o caso está mais sabido é nos bandarilheiros. E' o D. Pedro de Bragança num fado que nunca mais acaba, uma grande perna para um lado e outra grande perna para o outro, ainda que levantando os braços mais alto que os torreões da praça. Alternando com o D. Pedro, vem o D. Carlos Mascarenhas, mais rapido que um carro electrico quando desarvora *Conde de Redondo* abaixo, e com tão graves consequencias.

O outro par é composto pelos srs. Gama Lobo e Malhou. O primeiro saindo projectado da cabeça do touro ou dando mais volta que um pião; o segundo fazendo as delicias da rapaziada com aquele bom humor e com aquela barriguinha que a jaleca não oculta.

Os filhos do Teodoro, esses, apesar de serem filhos do Teodoro, ainda nos reservam algumas surpresas, ou bandarilhando ou lanceando de capote ou *muleta*. Mas os filhos do Teodoro são dos menos gastos nestas corridas de amadores.

Os rapazes do barrete são valentes e são amigos, bem como os outros, e não se lhes nega ralé e união quando a coisa está séria e batem as palmas ao bicho, pegando de cara e saindo com a cara num bolo. Valentes são eles, começando no Emidio de Aguiar e acabando no Antonio de Abreu, isto é começando na cabeça, onde cai o Emidio, e acabando no rabo, onde se encontra o Abreu. Mas se lhes dá para a *cernêlha*, é caso de dormir uma sonéca até *arroupar* e *subjugar*.

Das novas ocupações do sr. Eduardo Perestrelo e Vasco Fontalva posso eu falar de cadeira (de cadeira sôbre o touril). Sim, porque ninguem duvidará que eu seja mais *carcca* que qualquer dêles!

E a verdade é que, estando todos sempre dispostos a cooperar em obras de caridade, poucas surpresas nos podem reservar, e isso porque o sr. conde da Torre faz bem a diligencia.

E' preciso começar a renovar a velha guarda (não me negarão que parte da guarda já vai sendo velha!) e dando entrada a novos elementos que refresquem e animem.

E em futuras corridas, ainda que sejam de caridade, sacrifiquem umas dezenas de bancadas e ponham a tocar, cá em baixo, ao pé da gente e onde se ouça, uma boa banda que alegre e entusiasme a assistencia. Porque lá nas aguas-furtadas e em compasso funéreo de dois por quatro, não ha coração que resista.

E—brincando, brincando—perdôem todos estas indispensaveis verdades, tão indispensaveis como inadiaveis neste começo de temporada, que se me afigura pouco auspicioso.

São precisas corridas cuidadas de touros e toureiros.

Doutra maneira, acabam com isto e os responsaveis são os interessados. «Quem boa cama fizer, nela se deitará».

E, por hoje, mais nada, para não ter que dizer «muchas cosas mas», e bem más.

Para a proxima corrida, anunciam os cartazes uma extensa lista de brindes a sortear entre os espectadores.

Trata-se duma corrida-tombola, em que podem sair oito touros do sr. Alvaro Ferreira, um Tanganho autentico, chapeus de chuva, capas de borracha e outros elementos taurinos.

Emfim, não se perde tudo, porque sempre se pode levar alguma coisa para casa...

Perez-Lachaise

— Eu ontem vi o teu marido, mas ele não me viu.
— E' verdade, ele disse-me...

Memorias de um galego

dos tempos antigos

A cidade de Lisboa tem a cada esquina um marco onde se inscreve em estupendas sinteses a evolução das suas caracteristicas, verdadeiros monumentos vivos da sua historia. Esses marcos são... os moços de esquina.

Ontem abordámos, como numa peregrinação, um desses moços... de Historia, porque não ha duvida que eles carregam aos ombros melhores materiais da cronica Ulyssiponense do que o sr. Matos Sequeira. Basta analizar o conteúdo desta frase (na tradução portuguesa), que vale um compendio de arqueologia:

—A gente, hoje, já não leva ás costas as mesmas coisas que carregava noutros tempos...

Estive para lhe arrumar com um *Entonces?*, mas temi a minha ignorancia do lexico de Tuy.

—Então os tempos mudaram?

(Textual) — *Xão outras bidas!...* Antigamente havia gente. Hoje não ha. Ainda me lembro de levar para o teatro de S. Carlos homens a pau e corda, para não sujarem as botas, que tinham um lustro que até fazia mal á vista. Iam em traje de gala, mas, antes de entrarem no teatro, bebiam dois decilitro no carvoeiro e não sujavam a sua *posição*... Hoje ha por ali cada pessoa que gasta muito dinheiro, mas até eram capazes de sujar o chão da carvoaria. Olhe que a gente observa estas coisas. Noutros tempos não observava tanta pouca vergonha. Havia homens e mulheres. Hoje ha pessoas que não se sabe o que elas são.

—Homem, como arranja você isso?

—Chegou a coisa a uns termos que ha homens que mandam cartinhas muito perfumadas, sabe o senhor a quem?

—A's mulheres...

—Não senhor! A outros homens!... Que tal está a chalaça!...

—E' uma miseria...

—Só se fôr de mioleira e de sentimentos, porque dinheiro não falta. Antigamente, um homem mandava a uma senhora ramos de flôres...

—E agora?

—Agora, manda logo uma mobilia, e olhe que não é para casar... Tambem, volta e meia, lá vai tudo para o prégo, ou então para o leilão, porque chega a coisa a um ponto que os sujeitos rebentam...

—Isto vai então mal?

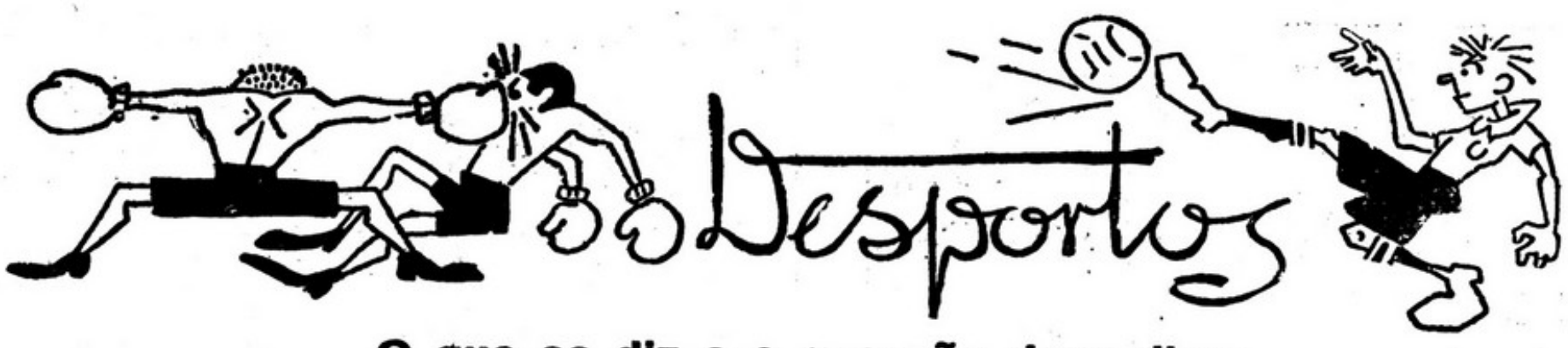
—Anda tudo do avesso... A gente qe antigamente me mandava fazer recados não aparece... Suponho que não têm dinheiro nem posição... Hoje quem *tudo lo manda* são pessoas que conheci como sapateiros e gente que não tinha onde cair de morta e que subiu não sei como, nem como não. Isto mudou tudo com as revoluções e com a guerra. Foi um grande negocio.

E a rematar:

—Esta xente não tem educaxon!...

Assim falou o sr. Anselmo Ramon, simpatico galego que faz o seu serviço de levar a cidade ás costas, discretamente, postado a uma das esquinas das ruas da Baixa.

BRISTOL CLUB DANCING
O UNICO SEMPRE EM FESTA



O que se diz e o que não deve dizer

Os ultimos desafios do campeonato

O Vitoria é campeão de Lisboa.

Os Belenenses perderam, apesar do seu *dan* já classico.

Ora, tanto um clube como o outro, são da praia.

Quere dizer que, na sorte, Belem esteve em baixa-mar e Setubal em praia-mar.

A vitoria do Vitoria prova que o grupo setubalense se não encontra em agua doce, em agua morna, e, pelo contrario, está de agua acima.

Belem, comtudo, espera para a epoca—na epoca das aguas vivas.

* * *

A'cêrca do jogo Vitoria-Salgueiros, diz assim o jornal *Sport*, do Porto:

«Poucos minutos depois, verifica-se um caso, com certeza, inédito nos anais desportivos: um setubalense, no remate duma avançada, aponta a bola, e esta esbarra, inesperadamente, com um policia que, no momento, atravessa o campo, como se nada fosse com ele! A bola foi, pois, defendida por um intruso, que impediu, no nosso criterio, que ela se fosse aninhar nas rêdes do Salgueiros!

O Vitoria tem todo o direito de considerar-se prejudicado. O arbitro simplificou, porôm, o imprevisto do caso, marcando um *corner* contra o Salgueiros... continuando o encontro em 0-0.»

A policia não defende só a ordem. Vê-se que, de vez em quando, defende o *goal*.

A continuar o precedente, tem de se fixar em Portugal uma nova alteração ás leis do jogo: todo e qualquer *penalty* tem de ser aplicado... pela policia.

Só assim as penalidades da lei são garantidas pela autoridade da lei.

* * *

Ao nosso *boxeur* no Brasil, Santa Camarão, as coisas não correm bem.

Tem sido infeliz, como o menino nas mãos dos doutores.

Agora acham que, em vez de lhe chamarem Santa Camarão, lhe devem chamar Santa Comba Dão. E «dão» com ele em pantana.

* * *

A Turim irão, além dos 15 jogadores, mais os seguintes necessarios elementos federativos:

—Cinco directores, representando cada um as cinco regiões principais;

—Um medico assistente;

—Um enfermeiro;

—Um contabilista;

—Um cobrador;

—Um maçagista, que maça bem;

—Um orador oficial, que fale português;

—Um chefe do protocolo, absolutamente indicado;

—Um fiscal de campo;

—Um medidor de terrenos;

—Um advogado, para defender as partes;

—Um consultor tecnico, para dar conselhos;

—Dois delegados tecnicos, para imprimirem orientação;

—Três seleccionadores, para escolherem os que não devem jogar;

—Um tabelião, para assinalar as ultimas disposições;

—Um professor de francês;

—E—talvez—um veterinario para serviço da équipe, que não joga.

* * *

No Club «O Cortiço» foi oferecido um banquete ao simpatico artista tauromaquico Antonio Luís Lopes. Dizem que o apreciado cavaleiro ficou tão grato aos seus amigos, que vai recolher definitivamente ao «Cortiço».

* * *

Ainda do «Sport»:

—Com esta fase o Boavista parece animar em entusiasmo mas continua fraquejando em jogo...

De facto, a animação de alguns clubs em regra leva-os a grandes fraquezas.

* * *

Vem aí o club chileno de *foot-ball* «Colo-Colo», que tem reputação de campeão do Chile.

Apresenta-se no sabado de Aleluia e domingo de Pascoa.

Aqui fica o reclame. Se o grupo que se lhe opõe é apenas o Bemfica, são os vermelhos que passam a ser o «Colo-Colo». A maior parte dos seus elementos, que o publico trouxe ao colo durante muito tempo, estão hoje destinados a saír do campo—ao colo, tal são hoje os seus dotes de atletismo e vigor fisico.

* * *

Tavares Crespo venceu, no Brasil, o *boxeur* Grelo, aos pontos. Era de facto de mais que um *sportman* português, ainda que feio e desfigurado pelo exercicio do *ring*, não batesse o Grelo.

* * *

E está tambem absolutamente certo que o negro Brown—é pena ser negro—batesse o francês Criqui.

Criqui e Grelo ficam juntos como um simbolo d inferioridade perante a força dos Tavares e dos Browns.

* * *

Uma previsão para o campeonato de Portugal de *foot-ball*, nos quartos de finais, segundo o sorteio que nós aqui acabamos de fazer:

Vitoria vence o Maritimo.
Carcavelinhos vence Bemfica.
Barreirenses vence Imperio.
Sporting vence Belenenses.

Depois:

Carcavelinhos vence Vitoria.
Barreirenses vence Sporting.

Depois:

Barreirenses vence Carcavelinhos.

Quem achar fantasia que aposte. E lembrem-se que o Barreiro tambem tem praia.

* * *

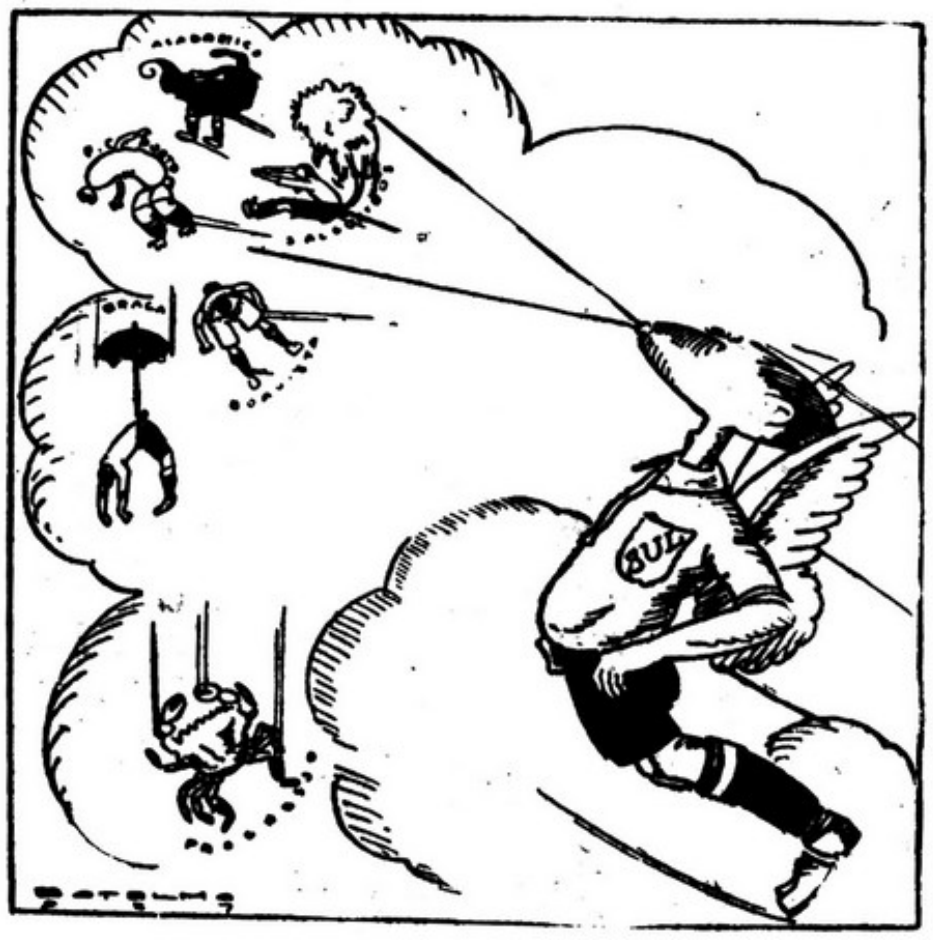
No campeonato de Portugal têm-se batido e batem-se boas marcas:

—Porto velho.
—Porto Lagrima.
—Moscatel de Setubal.
—Carcavelos.
—Madeira sêco.
—Tinto da Outra Banda.
—Alguns pastos sem rotulo de fama (Palhavã, Amoreiras, Campo Grande).

A luta, posto de parte o Porto—que o Sul derrotou em peso, com marcas de pouco rotulo e algum poder—vai ser entre o Moscatel e o Madeira para *toast*, o Carcavelos Paulo Jorge e o tintosinho do Barreiro.

Assim prevemos acima, não jogando a cabeça na aposta.

NORTE CONTRA SUL



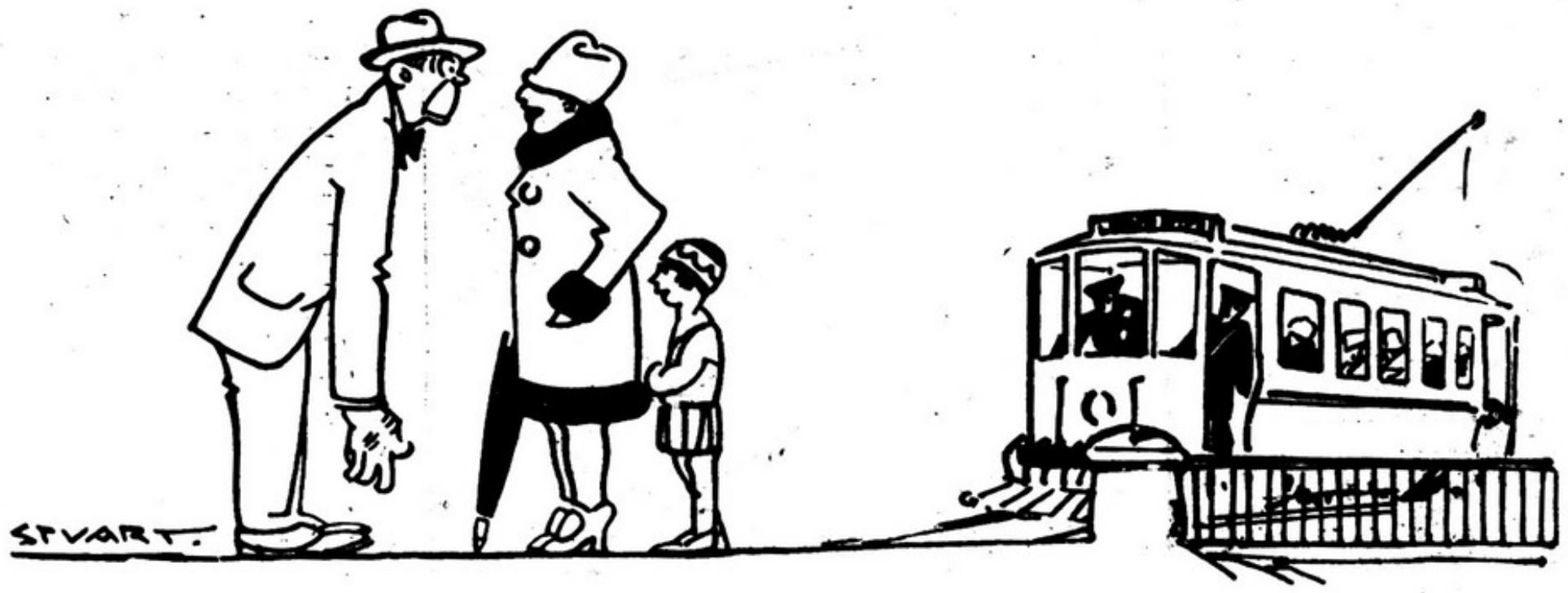
Desta vez o Sul soprou mais rijo

—Desde que tens o porco, já não gostas de mim!...
—Não tenhas ciumes do animal! Ainda é tão novinho!

—Se eu casasse comtigo, que farias, Manuel?
—Deportar logo o seu primo para a Guiné...

—Não se mexam. E' só mais um quarto de hora.
—Porque não tira uma fotografia. Era mais rapido...

—Aqui, no livro, diz que a vitela pertence á familia dos bovinos.
—Estás enganado, homem. Esta é a vitela da nossa visinha!



ELA—Que carro toma V. Ex.ª?
ELE—Jardim Zoologico.

ELA—Logo vi. Pela cara...
ELE—Então V. Ex.ª, pelas pernas, deve morar no Bairro Alto.